



IMIGRANTES BRASILEIRAS NA ITÁLIA: GÊNERO, IDENTIDADES E MIGRAÇÕES

Damiana Ballerini¹

Resumo

A partir de minha pesquisa de mestrado, problematizo a questão das identidades (inclusive a nacional) de mulheres brasileiras imigrantes na Itália desde uma perspectiva de gênero. Neste cenário migratório, nas primeiras décadas do século XXI, é cada vez mais acentuada uma feminização da comunidade brasileira, onde a presença das mulheres é importante para se repensar os papéis de gênero. Nessa pesquisa de campo, com entrevistas em profundidade, examino a presença de imigrantes brasileiras em Bolonha, sobretudo o protagonismo feminino em empreender deslocamentos e formar redes. Também é importante problematizar o quanto suas identidades são modificadas no processo migratório brasileiro-italiano e os discursos circundantes na sociedade de imigração sobre a sexualização de seus corpos.

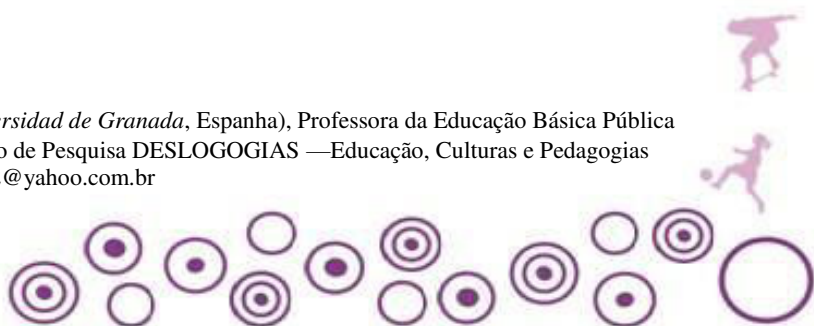
Palavras-chave: Mulheres Brasileiras. Bolonha. Identidade Nacional.


Introdução

Este trabalho é parte de minha pesquisa de mestrado, em Estudos de Mulheres e de Gênero, realizada entre 2009 e 2011 entre a Espanha e a Itália. Durante o período da pesquisa de campo foram feitas entrevistas com catorze mulheres brasileiras que residiam na Itália, mais precisamente na província de Bolonha. O objetivo era analisar como estas imigrantes percebiam-se enquanto sujeitos, as mudanças em suas identidades em um contexto migratório, como viam suas identidades afetadas por estereótipos de ser mulheres e brasileiras em outro país europeu e o que pensavam sobre o corpo e as suas representações entre Brasil e Itália. Tal investigação é importante, pois há uma circulação de imagens de mulheres brasileiras na Itália (TEDESCO, 2003; SILVA, 2006; SOUZA, 2007), a partir de representações que as associam à prostituição ou ao mercado do sexo (PISCITELLI, 2009) e, portanto, é importante verificar como estas imagens afetam as suas identidades de mulheres imigrantes em um contexto italiano.

Procedimento Metodológico

¹ Doutora em Estudos de Mulheres e de Gênero (*Universidad de Granada*, Espanha), Professora da Educação Básica Pública do Município de Canoas – RS e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa DESLOGOGIAS —Educação, Culturas e Pedagogias Contemporâneas (UERGS, Bagé), e-mail: damiby2002@yahoo.com.br





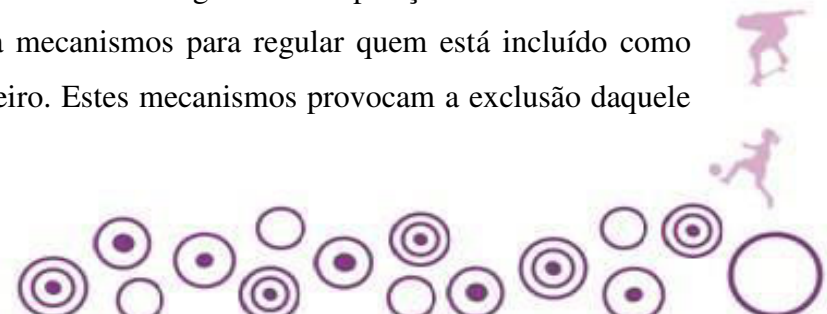
A investigação tem um viés, sobretudo, qualitativo utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas em profundidade feitas no primeiro semestre de 2010 com catorze mulheres brasileiras imigrantes em Bolonha, na Itália. As entrevistas pretendem fomentar um diálogo entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, mas como a finalidade de coletar dados para analisar o contexto que está sendo estudado. O respeito e o tratamento das entrevistas como sujeitos, e não objetos, é um ponto crucial de uma pesquisa qualitativa, que busca estudar e examinar dados de uma realidade concreta. Por tanto, a entrevista é mais do que um diálogo ou uma conversa, mas um ponto fundamental para tentar compreender a realidade que nos cerca a partir de testemunhos de pessoas que vivem ou presenciam fatos.

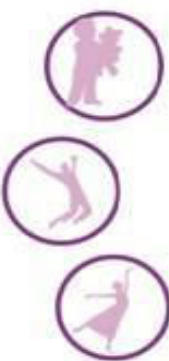
Para realizar as entrevistas foi necessário contar com um informante-chave, que não foi entrevistado, mas que me apresentou a primeira pessoa a ser entrevistada. Logo esta me indicou outras pessoas e assim se seguiu na identificação das possíveis entrevistadas, porém nem sempre todas as pessoas indicadas aceitam participar da pesquisa. Esta indicação que uma pessoa faz de outra, é o que se pode chamar de Bola de Neve (MOREIRA; CALEFFE, 2008), em que um participante de entrevista indica outro e assim sucessivamente. Isto é algo importante para uma pesquisa na qual se utilizam dados provenientes de pessoas e de suas impressões singulares sobre os fatos.

Migrações e estraneidade na Itália: o caso das mulheres brasileiras

No marco da globalização é necessário repensar os limites dos Estados-nação e da cidadania, como argumenta Rosi Braidotti (2010), e considerá-los como algo que vai além de uma fronteira bem delimitada. Apesar disso, como a configuração atual dos Estados-nação foi forjada na modernidade, é importante pensar até que ponto se cria uma barreira entre cidadãos e cidadãs e, por outro lado, estrangeiros e estrangeiras, não sendo pensados como membros da cidadania. Neste ponto, Julia Kristeva (1991, p. 116) faz uma reflexão importante: “com a formação dos Estados-nação, se chega à uma única definição moderna e aceitável da *extranjería* [estraneidade]: o estrangeiro é a pessoa que não pertence ao Estado no qual nos encontramos, o que não possui a mesma nacionalidade”.

Sandro Mezzadra (2006) pretende contrastar a imagem recorrente do imigrante como sujeito fraco ou delibitado (da fome, da miséria, necessitado de assistencialismo) que circula na lógica paternalista, de pensar que a pessoa está relegada a uma posição subalterna. Alerta que a partir dessa lógica, o Estado cria mecanismos para regular quem está incluído como cidadão e quem, ao contrário, é estrangeiro. Estes mecanismos provocam a exclusão daquele que não é com a cidadania.





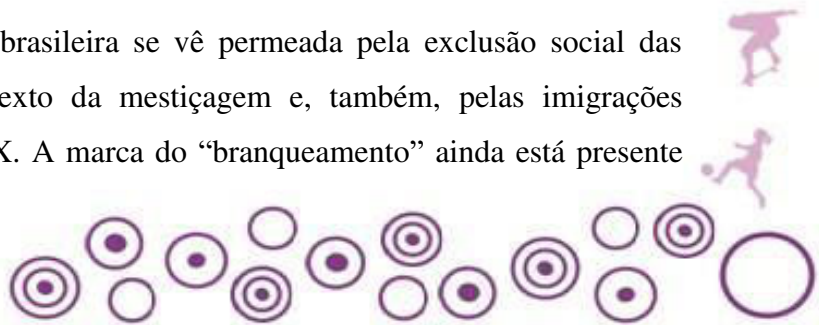
Em outra perspectiva Miguel Moya e Susana Puertas (2008, p. 9) alertam que os estereótipos não fazem dano aos imigrantes somente quando criam uma imagem deles, “[...] salvo às vezes quando transmitem uma imagem positiva deles”. Na realidade, alguns grupos são vistos como amigáveis, carinhosos, alegres, disciplinados; o que apesar de ser positivo, os mantém em uma situação desfavorável, como o “outro”. Como pode acontecer no caso do coletivo brasileiro, principalmente, em se tratando das mulheres.


É interessante ressaltar que as migrações, especialmente para as mulheres, promovem uma maior emancipação em um contexto transnacional. Vianello (2009) reconhece a feminização dos fluxos migratórios internacionais, sendo importante examinar o fenômeno a partir da análise de gênero. A autora evidencia como a migração de mulheres sozinhas desafia a ordem patriarcal, como também o caso de mães que deixam seus filhos no país de origem. Exercem seu papel como mães transnacionais enviando dinheiro para a manutenção e a educação dos seus filhos e filhas, criando uma “dupla presença” e a decisão de migrarem sozinhas as favorece. Neste caso, migrar “[...] desconstrói o ideal da maternidade e da feminilidade” (VIANELLO, 2009, p. 163).

Emma Corigliano e Lidia Greco (2005) também apontam uma crescente feminização dos fluxos migratórios, sendo reforçados pelas mulheres protagonistas de suas trajetórias e sem serem simplesmente dependentes dos projetos migratórios dos homens. Destacam uma maior autonomia e emancipação das mulheres acentuadas pelo fator econômico. Colocam em evidência que aquelas que investem capital próprio para formar sua empresa, têm uma maior mobilidade fora de seu âmbito familiar e de sua comunidade, atuando com outras pessoas no país de assentamento, Itália, e, além disso, envolvem vínculos capitalistas de acumulação de dinheiro, como evidenciam as empreendedoras transnacionais. Por tudo isso, as relações transnacionais jogam um papel importante nos processos migratórios destas mulheres, já que também se baseiam nas relações que elas estabelecem nos contextos que transitam: “O *network* das relações transnacionais femininas é uma estrutura organizada simetricamente; estão ausentes as relações hierárquicas e de poder, também a cooperação é levada em prática em sua essência, na forma de um ganho para ambas” (CORIGLIANO; GRECO, 2005, p. 117).

Sobre as experiências das mulheres brasileiras em Bolonha

A formação de uma identidade brasileira se vê permeada pela exclusão social das consideradas minorias étnicas no contexto da mestiçagem e, também, pelas imigrações europeias, sobretudo desde o século XIX. A marca do “branqueamento” ainda está presente





no imaginário social, especialmente quando se pensa em uma possível ascensão social. Deste modo, a classe social é um elemento substancial para entender as marcas do racismo no corpo e na subjetividade, sentindo a discriminação sentida na própria pele e na mente de muitas brasileiras e brasileiros.

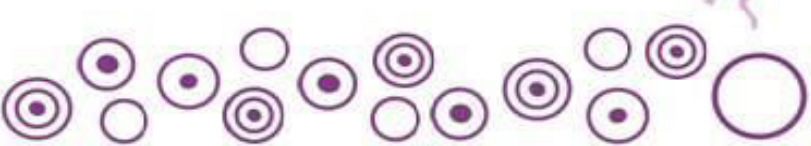
Através dos olhos estrangeiros, se percebe o modo em que se criou um imaginário coletivo da maneira como seria a sociedade brasileira, mediante o mito da democracia racial tão discutido ao longo dos anos. A “imagem” dos corpos estereotipados que o Brasil projeta ao exterior, às vezes, não leva em consideração a pluralidade de etnias e culturas presentes no nosso território.


A estigmatização e os estereótipos acompanham a pessoas migrantes como bem analisa Julia Kristeva (1991). A *extranjería* parece que se “cola” na pele e no corpo das mulheres migrantes, que se vêem implicadas a partir da discriminação de gênero e de identidade nacional que sofrem, que insistem em situá-las em um lugar comum diferente daquele de quem é nacional.

Na pesquisa feita em Bolonha, na Itália, foram entrevistadas catorze mulheres brasileiras, procedentes de diversas cidades e estados do Brasil, sobretudo das regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Através dos relatos, as entrevistadas lembram momentos de sua vida tendo como mote seus projetos migratórios. Suas idades variam entre os 19 e os 52 anos, no momento das entrevistas, sendo várias gerações de mulheres participantes da pesquisa. Praticamente a metade delas já possuía também a nacionalidade italiana. A outra parte, a obteve após sua chegada na Itália, por reconhecimento de sua ascendência italiana ou pelo casamento com uma pessoa nacional. O fato de ter previamente a nacionalidade italiana ajudou na hora de buscar um emprego ou na sua permanência no país de imigração. Essa nacionalidade é apontada como um dos motivos da viagem migratória, já que muitas pretendiam estudar ou “mudar de ares”.

No que se refere à escolaridade, a maioria das entrevistadas já tinha estudos universitários concluídos, e tinha a pretensão de continuar seus estudos realizando uma pós-graduação, ou fazer outro curso universitário ou, ainda, começar uma nova carreira.

As ocupações laborais antes e durante a migração são muito diversas: já que algumas eram funcionárias públicas no Brasil e outras trabalhavam na área da educação ou estudavam. Quando chegaram na Itália, algumas delas continuaram trabalhando no mesmo setor que já atuavam no Brasil. Apesar do alto grau de escolaridade que possuíam, a maioria realizava trabalhos temporais em eventos, trabalham como *baby sitter*, tradutoras, no comércio ou como *free-lance* na área de Engenharia. Com frequência, elas consideravam esses trabalhos como






precários ou que não estavam à altura das ocupações que exerciam anteriormente ou com relação às suas expectativas. Entre as entrevistadas, apenas uma menciona ter trabalhado como empregada doméstica, no começo de sua trajetória migratória, por falta de outras oportunidades. Geralmente quando se trata de mulheres imigrantes, oriundas de outros países para a Europa, se pondera o setor doméstico como aquele que mais emprega as mulheres imigrantes. Tal fato eu não constatei em minha pesquisa.

Suas trajetórias assim como suas memórias não são lineares, mas sim circulares, pois vão e vem no tempo evocando diversos lugares. O processo migratório para algumas delas é circular porque em um determinado momento de sus vidas voltaram ao Brasil, de férias ou temporariamente, ou porque seu destino inicial não era Bolonha, estando em um contínuo deslocamento refazendo seus planos. Os motivos de sua saída do país de nascimento são muitos, sendo, sobretudo, culturais ou educativos, mas também, em alguns casos, econômicos, apesar da condição profissional mais “estável” de algumas mulheres antes da emigração, em comparação com a que adquirem depois de serem imigrantes. Portanto, suas motivações não eram exclusivamente econômica e a migração possibilitou o empoderamento das mulheres, pois se sentiam como protagonistas de suas vidas e de seus projetos migratórios. Além disso, é importante ressaltar que, a grande maioria das entrevistadas emigrou sozinha, a despeito de estarem conectadas a redes migratórias por laços de amizade ou familiares.

Algumas Considerações

A pesquisa feita no ano de 2010 ainda mostra-se muito atual, pois há uma recorrência, geral, de representar as mulheres brasileiras como extremamente ligadas ao mundo da prostituição ou do mercado do sexo. Para as entrevistadas, isto foi visto como algo negativo, pois lhes fazia repensar a sua identidade nacional, os papéis de gênero e o peso que tem a identidade nacional na constituição da subjetividade das pessoas, sobretudo, quando residem em outro país. Apesar de o Brasil ser representado na Itália como um país alegre, de praia, samba, futebol e mulheres bonitas e isso ter se tornado um estereótipo, ou lugar comum; muitas mulheres sentem não se identificar com estas imagens quando elas adquirem uma carga negativa. Porém, outro estudo (PISCITELLI, 2009) aponta que a associação de mulher brasileira com sexo, carinho e exotismo pode ser usado com proveito para quem trabalha no mercado do sexo, não tendo uma carga totalmente negativa. Por outro lado, os estereótipos que associam as mulheres brasileiras à prostituição foram apontados como marcantes para a





construção ou desconstrução das identidades nacionais e de gêneros das mulheres entrevistadas na Itália.

Durante a coleta de entrevistas e posterior análise, pude perceber que praticamente todas as catorze entrevistadas afirmaram que havia na sociedade italiana um estereótipo da mulher brasileira muito ligada à figura da prostituição e que isso afetava suas identidades (em especial a nacional). Isto é, o modo como se identificavam como mulheres e brasileiras, a ponto de muitas vezes algumas delas, em sua vida cotidiana, negarem sua identidade nacional brasileira quando perguntadas sobre sua nacionalidade.

Referências

BRAIDOTTI, Rosi. Género, identidad y multiculturalismo en Europa. In: Rodríguez, Patricia Bastida el al.. **Nación, diversidad y género: perspectivas críticas**. Barcelona: Anthropos, 2010, p. 89-132.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

CORIGLIANO, Emma; GRECO, Lidia. **Tra donne: vecchi legami e nuovi spazi**. Pratiche tradizionali e transnazionali nel lavoro delle immigrate. Milão: FrancoAngeli, 2005.

KRISTEVA, Julia. **Extranjeros para nosotros mismos**. Barcelona: Plaza & Janes, 1991.

MEZZADRA, Sandro. **Diritto di fuga: migrazioni, cittadinanza, globalizzazione**. Verona: Ombre Corte, 2006.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

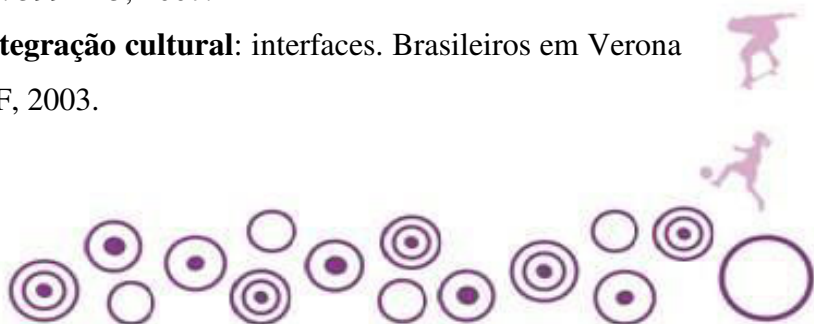
MOYA, Miguel; PUERTAS, Susana. Estereotipos, inmigración y trabajo. **Papeles del Psicólogo**, v. 29, n.1. Granada, Espanha, UGR, 2008, p. 6-15.

PISCITELLI, Adriana. Tránsitos. Circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 31, p. 101-136, jan./jun. 2009.

SILVA, Sandra. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: comunicação intercultural, conflito e representações da alteridade na internet. **UNirevista**, v. 1, n. 3, jul. 2006.

SOUZA, Isabela C. Félix de. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário*, vol. 13, n. 14, p. 399-415, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração e integração cultural: interfaces**. Brasileiros em Verona – Itália. Passo Fundo, RS: Editora da UPF, 2003.





VIANELLO, Francesca Alice. **Migrando sole**. Legami transnazionali tra Ucraina e Italia.
Milão: FrancoAngeli, 2009.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

